

De caras e cores

ADÃO OLIVEIRA

19 SET 1992

"Brasil, mostra a tua cara", cantava Cazuza, com garra. Cazuza morreu, mas foi ouvido. A Nação está botando pra fora os seus grilos.

Nas ruas, a cara do Brasil aparece pintada de preto. É a manifestação de uma minoria ruidosa. Ainda que alegre, essa "cara" passa a indignação de uma juventude emergente. Vestidos de pretos, os jovens clamam pela ética na política e pedem o impeachment do Presidente da República. Nos restaurantes e boates da moda, meia dúzia de privilegiados desfilam a sua prepotência em memoráveis noites de prazer, completamente alienados da realidade lá fora.

Há, no entanto, uma terceira "cara" que está sendo mostrada, mas não está sendo vista. É a cara de uma maioria silenciosa. Silenciosa porque não tem força para gritar. Não tem força porque passa fome. Esse contingente é para quem Collor ofereceu o seu governo: os descamisados e os pés-descalços. Coitados!

Essa é a verdadeira "cara do Brasil". Essa crise moral e ética por que passa o País e que vem sendo criticada nas ruas é "fichinha" em relação às nossas dificuldades na Economia. Enquanto se alardeava que conquistaríamos, com a modernidade, o primeiro mundo, ele só aparecia no gel dos cabelos, nas gravatas Hermès e nas roupas largas com bolsos profundos dos corruptos e corruptores que integravam o Sistema PC de Operações Ilícitas.

Estamos perdendo tempo. Vamos resolver, de uma vez, essa questão do impeachment e partir para o resgate do País, a partir do reencontro do Estado com a Nação.

Os nossos indicadores sociais exigem isto. Estamos caindo para o quarto mundo e cantando marra de potência emergente. Isso é engodo.

O Brasil vai muito mal e o seu povo pior ainda. É hora da verdade. A barriga e o bolso do brasileiro estão vazios. A fome e a sede deixaram de ser uma estatística para ter vida e necessidades. Os cientistas vivem dizendo que está surgindo no Nordeste, dos que sobrevivem, uma geração de nanicos. E ninguém liga pra isso!

O Estado, falido, não estende serviços aos seus cidadãos. Não há dinheiro. Roubaram quase todo. Não temos segurança e a Polícia, que já não tinha viaturas, não recebe recursos para gasolina. Vejam só! Enquanto isso, é seqüestro, assalto, estupro, assassinato pra todo lado. O cidadão se encarcera dentro de sua própria casa.

A saúde pública é uma calamidade. Antes da queda de Alcení, gastamos uma fortuna para comprar bicicletas, guarda-chuvas, mochilas, entre outras bugangas — para enfrentar a cólera que avançava por todo o Brasil, deixando um rastro de morte e sofrimento em nossa gente. Agora nem se fala mais nela. Parece que acabou. Onde foi parar o dinheiro levantado para enfrentar a cólera?

A Educação é um problema em todos os seus níveis. Do básico ao universitário. Gastaram mal o dinheiro dos livros da FAE e "comeram o dinheiro da merenda das crianças". Nossos jovens não podem suportar os preços do ensino do segundo grau e muito menos o universitário. Com um agravante para o universitário: o programa de crédito educativo não vem honran-

do suas obrigações...

O Brasil precisa de reformas de base, não de grandes construções, que, por desnecessárias, não são usadas. Não é o caso do Metrô que Roriz está construindo. Essa é uma grande obra do maior interesse social. Falo das obras do Aparecido: o tal do Museu do Índio é um deles, as ciclovias, etc.

Somos um país com milhões de desempregados e com sérias dificuldades em transporte. Pelos altos preços praticados e pela baixa qualidade dos serviços. Tão baixa que, se um dia o Brasil explodir numa comoção, isso se dará na hora do pico, próximo a uma estação de trem, metrô ou ônibus. Na área habitacional, nem se fala. Atingimos a quase 15 milhões de pessoas que vivem em favelas, becos, pontes e alagados a dividir seus barracos com ratos e baratas. O lazer, a descompressão do brasileiro comum, é "esquentar as baterias" nas novelas carregadas de cenas de sexo e gerar filhos que, desamparados, ganharão as ruas a compor nosso vergonhoso e pobre quadro social.

Esta é a verdadeira cara do Brasil. Ela está sendo mostrada, mas as elites dominantes não estão querendo ver. Dura realidade!

É hora de perguntarmos se estamos corretos ao impor esse elevado custo social ao nosso povo, para cumprir metas do FMI.

Dizia San Tiago Dantas que, no Brasil, o povo, conquanto povo é mais responsável do que as elites. Seu fiel discípulo Márcilio Marques Moreira esquece isso, e impõe a esse povo uma política econômica de arrocho salarial e desemprego.

Levanta Brasil!

■ Adão Oliveira é jornalista